

Conclusão

Ao longo deste trabalho levantamos a hipótese de que os poemas de *Cantares do sem nome e de partida*, erguidos sob o signo de adeus que os excede e suplementa, atualizam tradições que buscavam mediar a cisão do corpo e da linguagem. Promovendo desta maneira a comunicação inefável do fantasma, neste caso a própria poeta, com os textos por ela produzidos.

Para chegarmos neste ponto, na qual afirmamos a hipótese da atualização das tradições com as quais a autora se aliou, colocamos as supostas questões metafísicas abordada nos poemas sob uma perspectiva distinta da fortuna crítica de Hilda Hilst. Concluindo desta forma que há um entrelaçamento indissociável dos poemas estudados com sua efetiva ação na cultura.

Vimos que os poemas de *Cantares do sem nome e de partida* estabelecendo como solo para alianças e transgressões a matriz da poesia ocidental, busca nestas tradições os pressupostos éticos e estéticos que serão prolongados em sua ação na cultura. Destas tradições como pressuposto ético elege a despedida e como caráter estético o desejo. Conserva o nexos erótico do qual o fantasma gera o desejo, o desejo é traduzido em palavras, e as palavras criam um espaço de gozo para este objeto inapreensível. Transgride o eixo paradigmático destas tradições partindo de uma suposta presença, em *Cantares do sem nome e de partida* sendo a referida presença do próprio eu lírico, para criar um fantasma.

No início dos poemas o eu lírico garante um eixo estável do enunciador, do enunciado e do destinatário. O procedimento formal utilizado para retaliar este corpo, inscrito no pronome, consiste em transgredindo a ética do amor cortês que postulava uma vassalagem paciente e servil, desestabilizar os eixos de enunciador, enunciado e destinatário, abrindo os poemas para uma instância polifônica de vozes. Ora, sendo a vassalagem paciente e servil um dos pressupostos éticos do amor cortês, sua transgressão consistirá em negar esta prática outorgando máximo valor à despedida para que o desejo perpetue.

Já na dinâmica em que novos valores serão forjados a partir das alianças e transgressões realizadas pela autora no solo conceitual que instituiu, temos a despedida como principal pressuposto ético a favor da perpetuação do desejo, que atuará enquanto efeito estético. Sendo o desejo o efeito estético do gesto de despedir-se, enquanto elemento que o mobiliza a favor de sua própria duração.

O signo de adeus que excede os poemas realizando sua ação na cena cultural através do gesto de apagamento que autora impõe sobre sua persona de poeta, instaura em seu lugar de enunciação o paradoxo da presença ausente. Ao mesmo tempo em que prolonga a dinâmica forjada nos poemas, da ética da despedida a favor da estética do desejo.

O gesto de adeus que coloca a autora num lugar paradoxal de enunciação deflagra na cena um cultural outro espaço paradoxal, aberto e fechado, um espaço político. Onde as vozes da autora e das instituições com as quais dialoga serão legíveis, publicados. Para dar visibilidade a esta trama encenada, utilizamos a publicação dos *Cadernos de literatura brasileira*, por ainda hoje ser utilizado como referência na construção de textos sobre Hilda Hilst. Neste novo espaço, a partir dos lugares de enunciação ocupados por cada uma das instâncias em questão, a luta pelo poder constituído no próprio discurso, dar-se-á através dele. A instituição representante do poder de repartir, emoldurar e estabilizar os saberes para a sociedade, atua colocando os enunciados da autora no lugar do verdadeiro. A autora, do lugar do verdadeiro, atua sendo transgressora em seus atos de fala ao eleger o desejo à verdade.

Ao eleger o desejo à verdade, instrumentaliza a seu favor a máscara de louca. Máscara esta que, ao mesmo tempo em que a colocava culturalmente como uma persona notória, descredibilizava seu discurso. Desta maneira, consegue chamar a atenção para a situação mercadológica de sua obra, a noite em que esta se encontrava.

Inferimos que através do gesto de adeus iniciado nos poemas de *Cantares do sem nome e de partida*, e prolongados para a cena cultural, a obra de Hilda Hilst é relançada pela editora Globo. O relançamento de sua obra por esta editora, com organização de um professor de teoria literária da Unicamp, como

vimos instituição detentora do acervo pessoal da autora e importante personagem na recolocação da obra e da persona de Hilda Hilst na cultura, reatualizam o jogo de forças pela disputa do poder discursivo. Nesta encenação atualizada, novos meios de circulação de discurso, como a internet, compõe a trama tornando-a mais complexa.

Se por um lado as instituições que detêm os direitos legais da obra, editora Globo e Unicamp se esforçam para manterem-se como detentora da verdade desta obra. Estabilizando seus signos em valores fixos, para garantirem que a repartição deste saber enquadre-se na moral mercadológica. Por outro lado, a obra seguindo sua aventura errante através dos próprios livros (agora melhores distribuídos) e dos novos meios de circulação, segue colocando a questão da persistência no desejo de quem foi infatigável em sua devoção pela literatura. Reatualizam o mito e o arriscado jogo de vida e morte simbólica do qual a autora se implicou através da linguagem. Reatualizam o mito a partir das distintas atribuições de valores, os valores razoáveis estabilizados pela moral do mercado formal, e os valores hiperbólicos atribuídos pelo mercado informal. Valores estes que correspondem ao valor de troca, estabilizado pelo mercado formal. E valor de uso, colocado como inapreciável, devido ao hiperbólico valor de troca que o mercado informal atribui a esta obra.

Reatualizando as tradições que buscavam mediar a cisão do corpo e da linguagem, Hilda Hilst instaura uma transcendência em sua obra, por esta obra remeter-se sempre para além do objeto em si. Estaria a poeta gozando de suas palavras na página ou na tela do leitor que a lê? Estaria o leitor lendo seu corpo? Qual corpo? A obra segue sua aventura errante.